

FRAGILE
ENDEAVOUR

FICHA TÉCNICA

REVISÃO DE TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Felipe Reis

DIAGRAMADOR

Flavia Keretch

CAPA E CONTRACAPА

Thiago Tavella

IDEALIZAÇÃO

Isabela Panizo Silva

Flavia Keretch

Felipe Reis

Thiago Tavella

CORPO EDITORIAL

Isabela Panizo Silva

Flavia Keretch

Felipe Reis

Thiago Tavella

COORDENAÇÃO

Flavia Keretch

PROFESSOR ORIENTADOR

José Carlos Fernandes

AUTORES E ARTISTAS

Antonio Cesar Ribeiro

Flavia Keretch

Felipe Reis

Gabriel Bora

Grace Franco

Geovana Maria da Cruz

Gilmar Ferreira-Verlinden

Isabela Panizo

João Lara

João Marcos Dias

Julia de Mira Amorim

Maria Eduarda Kressan

Micheline Rosmann

Sofia Stelger

Stephanie Buenno

Thiago Tavella

Wilcker Sales

RAJVA

UNINDO VOZES: A RAIJA TRANSFORMADORA

FELIPE REIS

No turbilhão da raiva, ergo minha voz,
Contra a injustiça que o mundo impôs.
Preconceitos nefastos, enraizados na mente,
Esmagam vidas, roubam sonhos, de forma
imprudente.

O olhar hostil, o julgamento sem razão,
Contra imigrantes, filhos de outra nação.
Com suas histórias marcadas por coragem,
Enfrentam barreiras, buscam uma nova paisagem.

Nas favelas, moradas de luta e resistência,
A raiva pulsa, inflama a consciência.
Estigmatizados pela sociedade, diminuídos,
A esperança se ergue, desafiando os desengajados.

Não é justo que o medo crie muros,
Que as diferenças sejam vistos como apuros.
A raiva se incendeia, incansável na busca,
Por justiça, igualdade, a essência que traduz.

É hora de erguer a voz, unir as mãos,
Derrubar as barreiras, romper os grilhões.
A raiva, um fogo transformador, que não se
extingue,
Nasce a chama da empatia, da inclusão que se
distingue.

Imigrantes e favelados, seres resilientes,
Resistem às adversidades, aos olhares indiferentes.

São vidas repletas de histórias a serem contadas,
De sonhos, talentos e potenciais não mensurados.
Abraçar a diversidade é abrir portas para o novo,
Superar preconceitos, curar feridas em renovo.
A raiva, canalizada para a transformação,
Para construir um mundo de compaixão e união.

Que o grito de indignação se torne um clamor,
Para que o respeito floresça, prevaleça o amor.
Que imigrantes e favelados encontrem seu lugar,
Na teia humana que se entrelaça, sem se fragmentar.

Então, ergamos a bandeira da igualdade,
Derrubemos muros, desfaçamos a tempestade.
Que a raiva se transforme em ação, em esperança,
E que o preconceito se desfaça na calmaria.

Que cada coração abra-se à empatia,
E que a raiva se transforme em sinfonia.
Pois só juntos, em harmonia e compreensão,
Poderemos construir um mundo de verdadeira inclusão.





Reticências

IZABELA PANIZZO

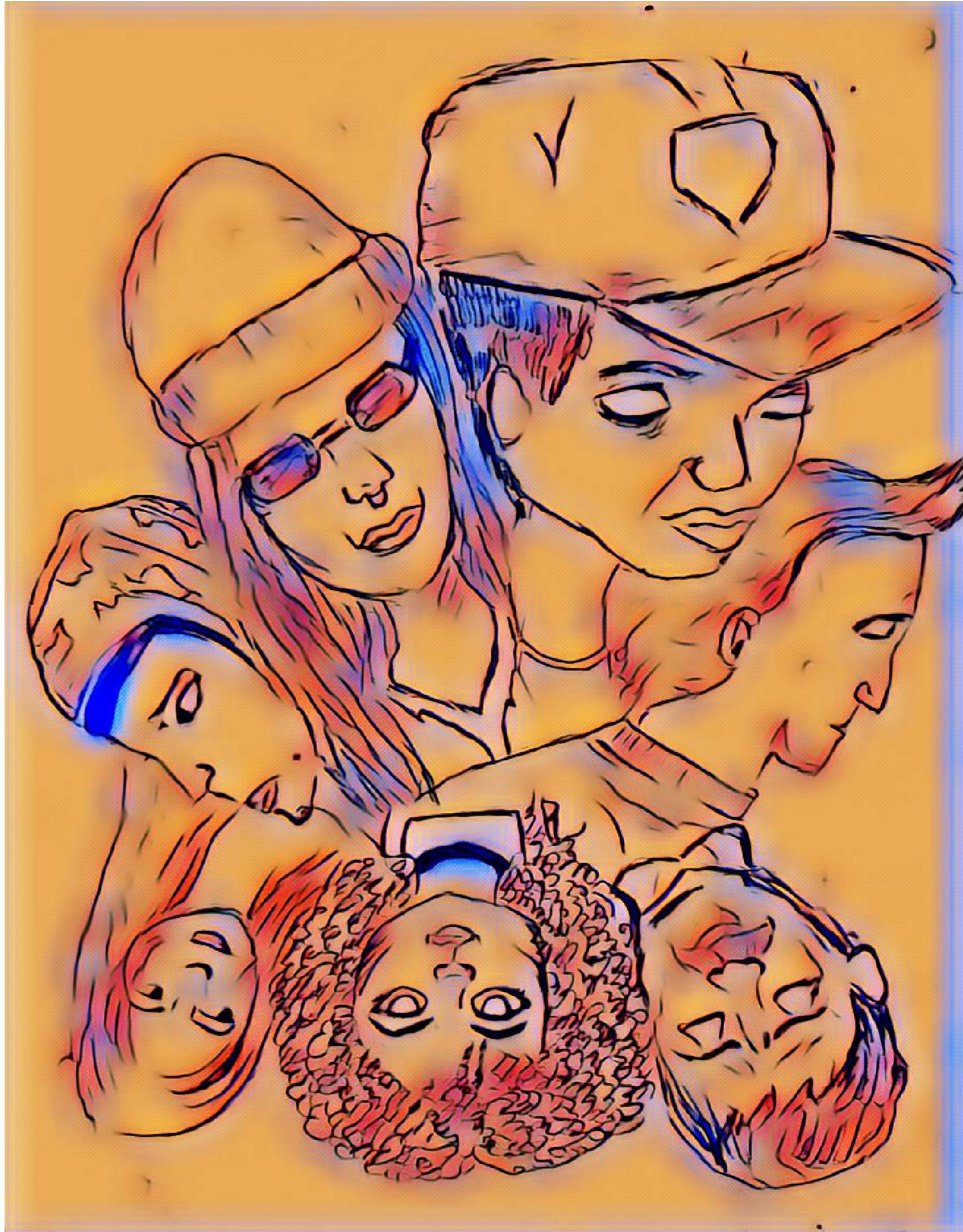
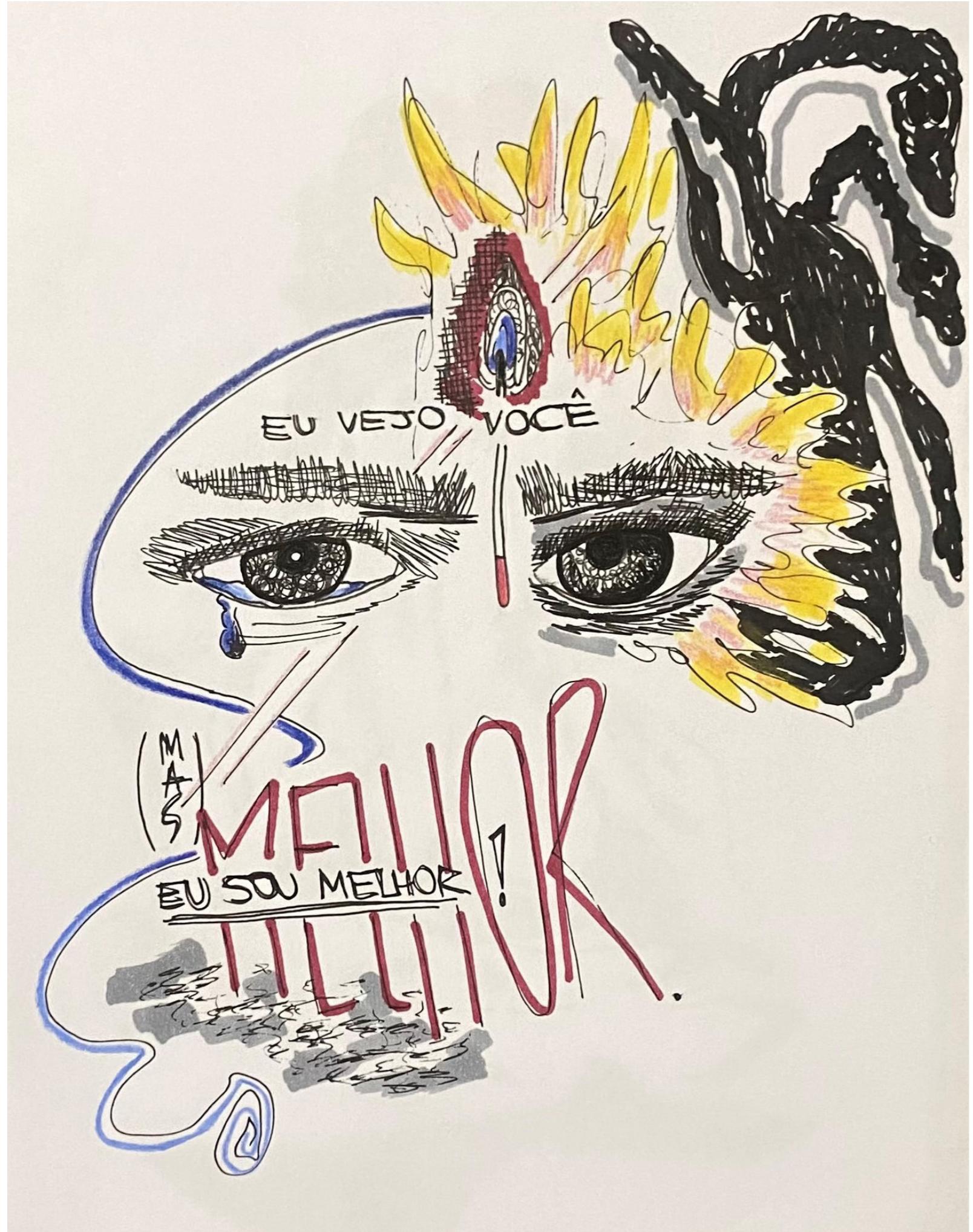
*escrevo esse poema
e não uso ponto
não faço uma pausa
descrevo a cena
para que quando você leia
te falte ar e te falte fôlego
como me faltou
naquele encontro
de ritmos diferentes
sem pausa e sem ponto
seguia o rumo desse poema
fazia poesia e compunha a cena
mas você se perdeu no
ritmo do nosso poema, sem perceber
acabou por usar reticências...*

Indiferente

FLAVIA KERETCH

Ela tem 18 anos, e não fala. Não fala porque não quer, pois sabe falar. Não fala porque não tem interesse, porque não se importa, porque ela quase não existe. Ela é toda fofa, toda querida, toda galera. Possui as informações na palma da mão, mas não está nem aí. O país pode pegar fogo, desde que sua casa esteja perfeita ela vai continuar presa, sem esboçar nenhuma reação. Porque ela não presta atenção em nada que não seja o próprio umbigo. Ela tem 26 anos e não tem a menor noção da realidade, é uma garota vazia, lotada de superficialidades. Esquerda e direita são termos desconhecidos, política é algo que não lhe interessa, foda-se os fudidos. Mais centro que ela, ela é centro do mundo. 38 anos, acabou de virar adulta, mas age como criança. O Bolsonaro não é de todo mal. É o anjo en-

carnado, não o próprio diabo. A pandemia já passou, foi uma fase que salvou. Os milhões de mortos não importa. Tudo acontece por um motivo. Sensitiva. Cristã e Bolsonarista por causa do pai, Deus, Pátria e Família. Só a sua família. O racismo não a atinge, então ela não tem porque se preocupar. LGBTQIA+ são muitas letras para decorar. Consciência de classe são problemas para pobres. Nenhuma comunidade lhe pertence, então não tem porque lutar. Suas conversas são baseadas na própria vida, o egocentrismo é algo que domina. 47 anos, ela não pergunta, só responde o que você perguntar. Mais rasa que um prato. Mais sem personalidade que uma ameba. Quase não existe, nada lhe afeta. Ela é só uma menina que não liga para nada que não seja a própria vida. Aos 18, ela apenas não quer fa-



MEDO

Entre Palavras e Incertezas: O Medo do Futuro Revelado

FELIPE REIS

No vazio da noite, o medo emerge,
Um sussurro gelado que o coração
converge.

Um estudante, ansioso, no limiar do
amanhã,
Incógnitas pairam, na mente, sem ter
tamanho façanha.

No curso das palavras, no jornalismo
a se formar,
Um universo de incerteza começa a
pesar.

Como será o futuro após a graduação,
As asas do destino, em busca de uma
direção?

O medo se insinua, tece teias no
pensamento,
Devorando a confiança, engolindo o
alento.
Mas, jovem aprendiz, escute o meu

conselho,
A incerteza é a tela onde o futuro se
desenha.

As letras são tuas armas, a informação
teu poder,
No mundo em constante mudança,
podes renascer.
Enfrente o medo com a coragem das
questionadores,
Teu espírito inquieto, buscador de
reveladores.

A jornada será árdua, repleta de
desafios a encarar,
Mas tua paixão e curiosidade hão de te
guiar.
O medo do desconhecido é o combustível
da transformação,
Abraça-o, enfrenta-o, escreve tua
própria redenção.

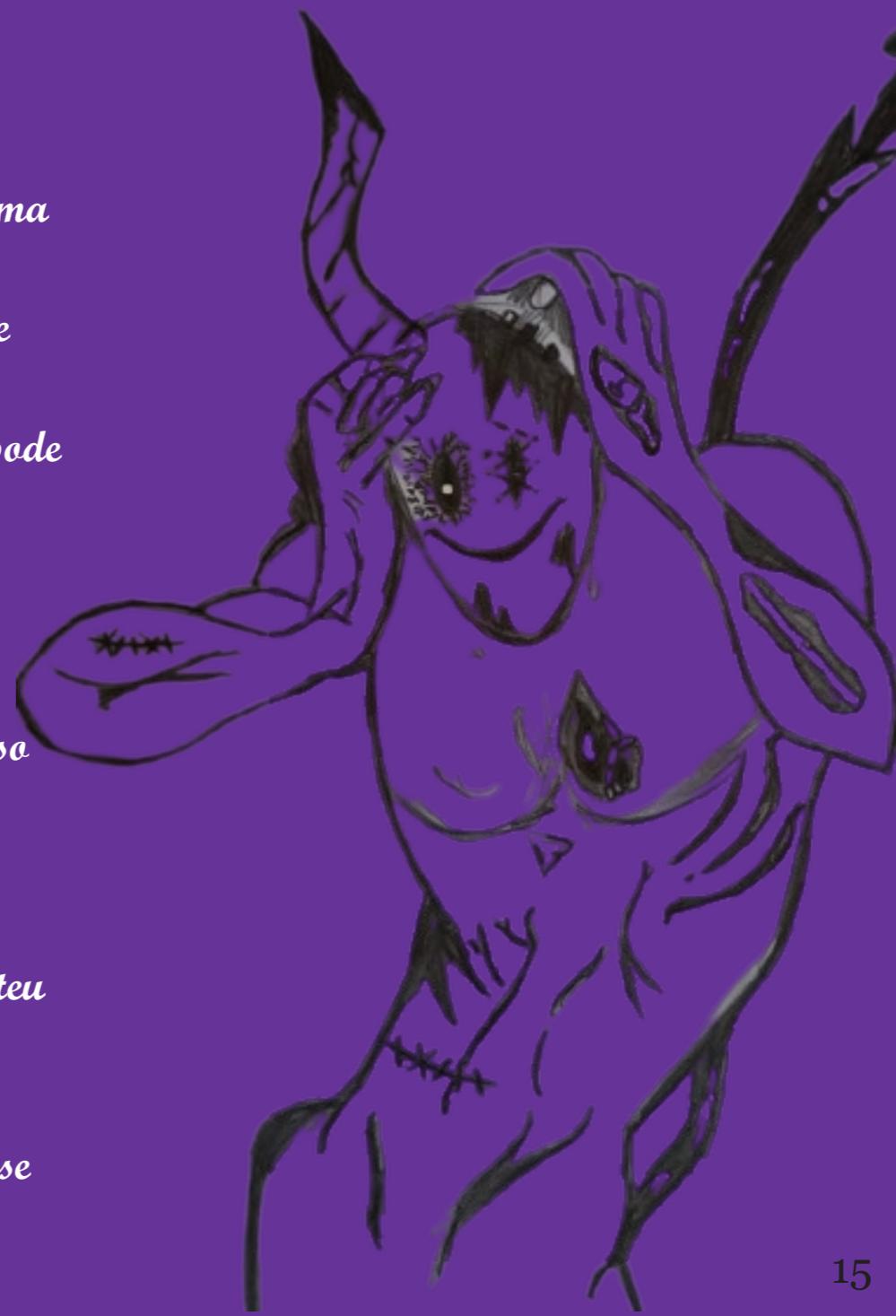
No labirinto do futuro, traça teu
caminho,
Com ética, verdade e um olhar que não
tem tamanho.
Ergue-te, estudante, com coragem e
ousadia,
Desvenda as histórias, as verdades,
com maestria.

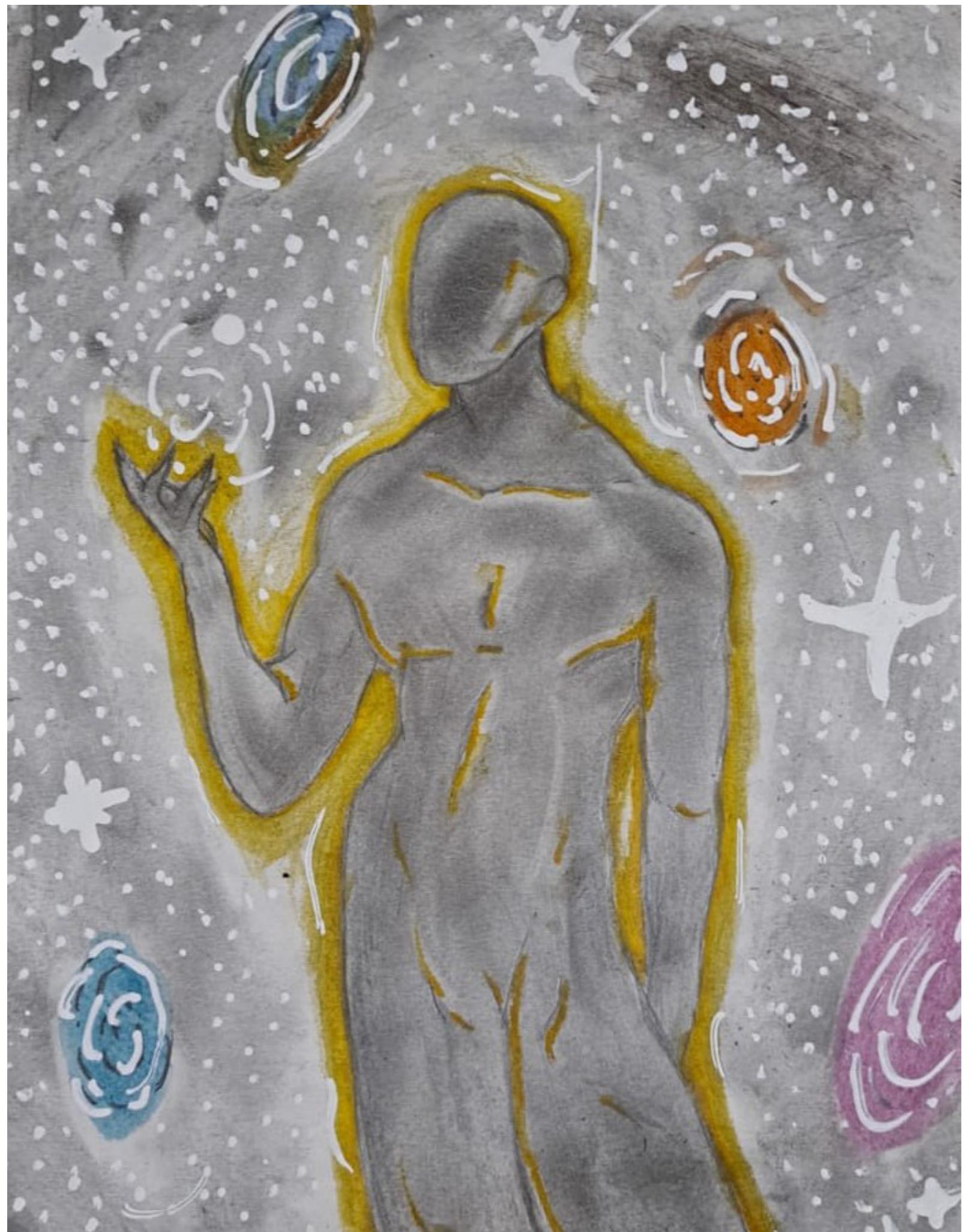
Lembra-te, o medo é apenas um
espectro que se dissipá,
Quando abraças a incerteza, tua alma
se fortifica.
E assim, na estrada jornalística que
empreender,
Descobrirás que o medo do futuro pode
florescer.

Acredita, jovem repórter, no teu
potencial infinito,
O medo do incerto, torna-se o impulso
bendito.
O futuro é um livro em branco a ser
escrito,
Com cada palavra que transmite o teu
espírito.

Portanto, não temas o caminho que se

revela,
Pois és o arauto de verdades que clama
e revela.
Enfrente o medo, escreva tua própria
história,
A jornada do jornalista é uma chama
de glória.





Fragmento de um céu hispânico

GRACE FRANCO

O clima estava gelado. Um gelado compreensível, já sentido antes, mas ela não havia escolhido as roupas adequadas. As botas de cowboy com ponta fina machucavam-lhe os pés. O céu nublado e a fome embrulhando seu estômago a deixava irritada. Começava então a pensar:

— Drog! Parece que todos os lugares são melancólicos quando não se tem dinheiro.

Enquanto pensava isso, passou pela cabeça que o dinheiro não comprava tudo, mas dinheiro é poder sim, e poderia comprar a felicidade. Podiam? Mas não a dela.

Ao continuar andando, o céu escureceu e as luzes da cidade iluminaram junto ao tráfego.

Um homem de boina e sobretudo bege pegava algo que havia caído no chão. Uma mulher lia um livro enquanto fumava um cigarro — algo muito poético, tinha também uma cerveja em sua mesa.

Tentei desmistificar o que é amor de fato e com ele — a saudade. Quando você sente saudade de algo, ou de alguém, você sente falta do sentimento que essa pessoa provocava em você. Você também sente falta dela e dos

atos e humor dela. Do jeito de andar, falar, sorrir, e caçoar de você. Do abraço, de toda demonstração de carinho e até das coisas que não gostava nela. Você tem o direito de sentir isso, você sabe que ela se tornou parte de você e ocupou parte dos seus atos. E toda ansiedade que você tinha em perdê-la foram embora com o sufoco de ter se realizado.

E vem então a raiva, em alguns casos demais, em outros nenhum. “Eu odeio não poder te odiar” e você sente a imensa vontade de estar com ela, de sentir a presença, de sentir o calor, de sentir a voz na sua realidade. Mas não pode ser assim, e você tem que simplesmente ceder a liberdade dela para o mundo e esquecer que ela não pode estar dependente de você por nenhum compromisso.

Você não sabe se sente falta do passado e dos bons momentos de verão que passou com ela, mas de qualquer forma você sente falta da presença. Da intensidade e de não ter feito mais. Você torna essa posses- sividade para si e se fecha para qualquer outro ciclo que possa se iniciar. Assusta. Mas quando você estiver distraído, olhando pra si mesmo e para o futuro — quando você se permitir, algo virá até você.

SOM

ANTONIO CESAR RIBEIRO

Jéssica retorna da cidade trazendo comentários do povo da região, gente simplória que acredita nas coisas mais absurdas. Nada muito diferente de nós. Mas nós somos homens de saberes, estamos acima de qualquer credicice.

Depois de ouvi-la, Rubens declara que vai fugir, não damos importância, ele nunca tomou decisão sozinho. Foi surpresa quando a van desapareceu no meio de uma nuvem de poeira. Cinquenta quilômetros nos separam do povoado, a van seria nossa chance no caso de sair às pressas. Elaine comprehende a atitude de Rubens. Estamos muito pressionados, ela disse.

— Ele vai voltar. Com certeza. — argumento numa tentativa de restabelecer a calma. Simulo tranquilidade, e todos voltamos aos nossos afazeres. Na hora do almoço sentimos o chão tremer. Um tremor diferente do terremoto. Parecia a vibração de instrumento musical, porque junto dele veio o som. Um som grave vem. Não se sabe de onde e passa por debaixo de nosso prédio. Na construção, os trabalhadores, na maioria moradores locais, insistiram que o assoalho devia ficar a pelo menos meio metro do chão. Ao ser questionado, o chefe do grupo, meio sem jeito, justificou que o verão estava muito quente ali. Depois ríamos ao lembrar o comentário, não passava de uma piada sem vergonha. Concluímos que elevar o prédio, a meio metro do chão, resultou em acrescentar alguns dias de trabalho e assim os espertalhões ganharam mais.

Paralisados, esperamos o som sumir. A sensação de tudo a nossa volta ser irreal, até mesmo o verão, há pouco tão familiar, agora parece não pertencer a esse tempo. Imagino alucinação coletiva, mas o som retorna como uma força centrífuga e faz o terreno sob o prédio vibrar novamente.

— Eles falaram que não teríamos chance — Jéssica sussurra.

O som persiste numa vibração constante que faz o prédio todo sacudir e alguns objetos caírem no chão. Aurélio pula, seu corpo assume um trejeito de loucura, empregamos muita força para acalmá-lo. Tentando ser razoável e lúcido, peço para ninguém se precipitar. Até agora nada havia acontecido a ninguém, não havia motivos para acontecer. Elaine concorda, embora eu a perceba nervosa.

O som, repentinamente, cessa. Ficamos na expectativa de quando recomeçaria. Jéssica se





levanta e sai. Todos a observamos descer até o pátio, talvez devêssemos acompanhá-la, ou então impedir que saísse, mas alguma preocupação maior prende nossos movimentos.

Elaine pergunta o que acho disso tudo. Não sei o que pensar, dou de ombros, apenas. Permanecemos ali, sentados à mesa; de fora, uma rajada de brisa balança as cortinas, também os mapas na parede. Os objetos que há pouco rolaram pelo chão estão de volta aos seus lugares sem rachaduras e amassados, tenho certeza de tê-los visto cair e igual certeza de não ter visto ninguém recolhê-los. Pela porta do refeitório, deixada aberta por Jéssica, posso ver um redemoinho levantar císcos, o sol brilhar mais amarelo e junto com a poeira invadir a sala numa onda forte de calor. Recordo do chefe dos trabalhadores dizer que ali o verão era muito quente. Jéssica volta, pálida.

— Já sei do que se trata, ela diz. Vou embora agora mesmo, completa. Entendo que nada a fará mudar de ideia, nem o fato de estarmos a cinquenta quilômetros da civilização e, o pior, sem qualquer meio de locomoção, a não ser as nossas próprias pernas. Jéssica pergunta se alguém quer acompanhá-la. Todos me olham esperando que eu opine. Se eu pensar nas pessoas, devo dizer que é hora de abandonar tudo, no entanto, minhas convicções me fazem pensar no resultado fi-

nal. Parece tão próximo, não posso recuar.

— O vilarejo é muito longe — observo, e a noite nos pegará no meio do caminho. É melhor esperar até amanhã. Rubens vai mandar alguém com o carro. Tudo não passa de alucinação causada pelo calor. O sol está mais forte e temos trabalhado muito, quem sabe um pouco de descanso.

Busco o apoio de Elaine encarando-a, ela se limita a olhar para a ponta de seus sapatos. Compreendo que estou sozinho, porém decidido ver onde tudo poderá chegar.

— Estejam à vontade — falei. Eu vou ficar!

Jéssica sai. Aurélio, Estevão e Marisa vão juntos. Sinto a tensão envolver Elaine e Ruan, a dúvida entre ir, ou ficar. Acabam ficando. Elaine nunca me deixaria para trás e Ruan nunca a deixaria sozinha comigo. Assim que Jéssica e os demais somem no fim da estrada nós tentamos relaxar, e a maneira mais eficiente é atirando-nos ao trabalho.

Trabalhamos mais forte que o habitual e as horas se tornaram infundáveis. Chegamos exaustos ao fim da tarde, no entanto sem enxergar resultado; estávamos preocupados, eu, em especial, por causa dos investidores. Qual a melhor justificativa a dar: dizer que abandonamos tudo por causa dos comentários de alguns locais supersticiosos ou por que um som fez o prédio tremer, um tremor

importante, nível 8 ou 9 na escala Richter. Imagino aqueles fedorentos rindo, depois exigindo as evidências do fenômeno, vídeos ou fotos do prédio em ruínas, das crateras que sempre aparecem nessas ocorrências, de árvores caídas, animais desesperados e, por fim, os malditos me expulsando da sala sob a ameaça de cobrar a multa pela quebra de contrato. Por precaução, enquanto Elaine e Ruan preparam o jantar, trato de recolher algumas anotações, elas poderão depor a meu favor e acalmar os investidores, escondo-as na mochila, que a partir de agora terei sempre comigo.

Evitando comentar o ocorrido jantamos em silêncio. O barulho característico dos talheres nos enche de impaciência. Ruan é o primeiro a falar, ele anuncia que vai preparar os equipamentos, deixar tudo arrumado porque pela manhã irá para casa. Nem tento recorrer a Elaine para convencê-lo, pelo contrário, insisto que todos devemos ir, não sem antes expressar minha insatisfação em abandonar tudo.

Trabalhamos mais duas ou três horas arrumando os equipamentos, depois mandaremos alguém recolhê-los. Elaine pede para ficarmos juntos o resto da noite. Ela e Ruan adormecem rápido. Eu não consigo dormir, estou incomodado com o silêncio, a noite está quieta e imóvel, nenhum inseto, nenhu-

ma brisa a balançar as árvores. O acontecimento da tarde parece tão distante e me convenço da nossa estupidez ao submeter-nos àquela situação. Estava claro que se tratava de um jogo de sugestões, os outros caíram nessa cilada até dá para entender, mas eu não podia me deixar levar.

Fico irritado, pulo da cama disposto a trabalhar a noite toda, o resto da semana, do mês, da vida se for preciso, mas irei até o fim. O que estaria em jogo: a descoberta do mistério do universo? Aquilo que não está permitido a nenhum homem conhecer? Bobagem.

Bobagem. Tudo bobagem. Vou aos limites da terra, aos limites de tudo, da realidade e das crenças inquestionáveis. Bobagens. Nada além de bobagens. Eu irei até o fim.

Começo a manusear as anotações quando percebo o ambiente a minha volta ficar suspenso. Os corpos de Elaine e Ruan, os móveis, os objetos giram ao meu redor. O som ressurge. Retorna numa frequência impossível de captar e vai crescendo até tocar meus ouvidos com violência. Protejo-os com as mãos, fecho os olhos e posso ter ficado assim muito tempo ou só um segundo, ao abrir os olhos Elaine e Ruan estão de pé ao meu lado, assustados. O som faz o prédio vibrar, Ruan grita que era a nossa arrogância, nossa teimosia e descrença envolvendo o prédio, a única saída era submeter-se ou afrontá-las.

Corri para a porta, não tivemos tempo de impedi-lo. Ouvimos um estrondo mais forte e depois o silêncio total.

O barulho da buzina contrasta com o som que volta da terra e desliza pelo interior do prédio como uma serpente escalando as escadas. Apressemos-nos a ver quem chegava, reconhecemos Rubens e Jéssica. Eles pedem para sairmos pela janela. Meu instinto cartesiano me faz medir a distância entre a janela e o chão. Estamos a mais de cinco metros, é arriscado pular e depois não alcançaremos a velocidade necessária, o som nos alcançaria de qualquer jeito.

Ouvimos a explosão e logo o fogo na base do prédio. Jéssica e Rubens destruíram tudo, talvez eles tenham entendido que a forma de acalmar a fúria do som era não deixar possibilidade de recomeço. Como poderíamos desistir depois de chegar tão longe? Se o som nos atacava é porque estávamos ultrapassando a linha permitida, vencendo essa barreira colheríamos o resultado, conheceríamos os segredos que nenhum outro homem até hoje pode ver revelado.

Elaine está no parapeito da janela, antes de pular ela olha para mim, não diz nada, sinto que ela queria pedir desculpas por não ter coragem suficiente. Jéssica exige que eu pule também. Importantes decisões são precedidas de muita reflexão, muita análise, e eu não tenho tempo. Agora não é o som o problema, mas o fogo, o prédio estremece de forma real e as paredes começam a ceder. Jogo a mochila com as anotações para eles. Rubens, num golpe, atirou a mochila ao fogo. Volto às costas para a janela e sigo na direção da porta indo de encontro ao que está atrás dela, é hora de enfrentá-lo e finalmente descobrir o que estivemos procurando.

Minha mão toca a maçaneta da porta. Pela primeira vez penso numa oração. Uma oração antiga, da minha infância, esquecida no meio de todo o conhecimento lógico, esquecida na minha razão. Tenho medo. Arrependido por estar onde não devia estar. Mas é tarde. Giro a maçaneta. E uma comprida língua de fogo me atinge, antes de finalmente conseguir abrir a porta.



CRIANÇAS DE NATAL

THIAGO TAVELLA FERRARI

Os primeiros beijos que Phil me deu foram muito doces. Eles seguiram os melhores elogios que um produtor poderia dar a uma cantora em início de carreira, "Sua voz não é uma voz de branco, não é uma voz de preto, ela é simplesmente sua".

Quando as Ronettes acabaram acreditei que estava em boas mãos e os primeiros anos fizeram de tudo pra reforçar isso, os Beatles, Leonard Cohen, todos me levaram a acreditar que bastava eu em meus plenos 15 anos de idade ser uma boa esposa, uma boa dona de casa que tudo acabaria bem. Talvez no meio tempo ele fizesse minha carreira solo decolar.

Mas em 69 algo mudou, tudo ficou mais violento. Os Beatles acabaram e no ano anterior e alguns músicos talvez tivessem percebido o que eu ainda veria se manifestar em minha frente, talvez eles só tenham visto a maré de azar que Phil estava. Ele começou a beber, eu evitava ficar tempo com ele sozinha, na cama sempre evitava ir para os finalmentes, chegava a colocar substâncias em suas bebidas

para que dormisse e me deixasse em paz. Mas sua obsessão e sua violência continuaram.

Talvez por eu não ter cedido às suas investidas na cama e aos seus devaneios sobre formamos uma família feliz, ele adotou uma criança, uma pobre criança, tentei o máximo mantê-la sã e salva. Mas não podia ficar ao seu lado 24 horas e cada vez mais Phil a levava para "passeios" secretos nos quais eu não podia ir.

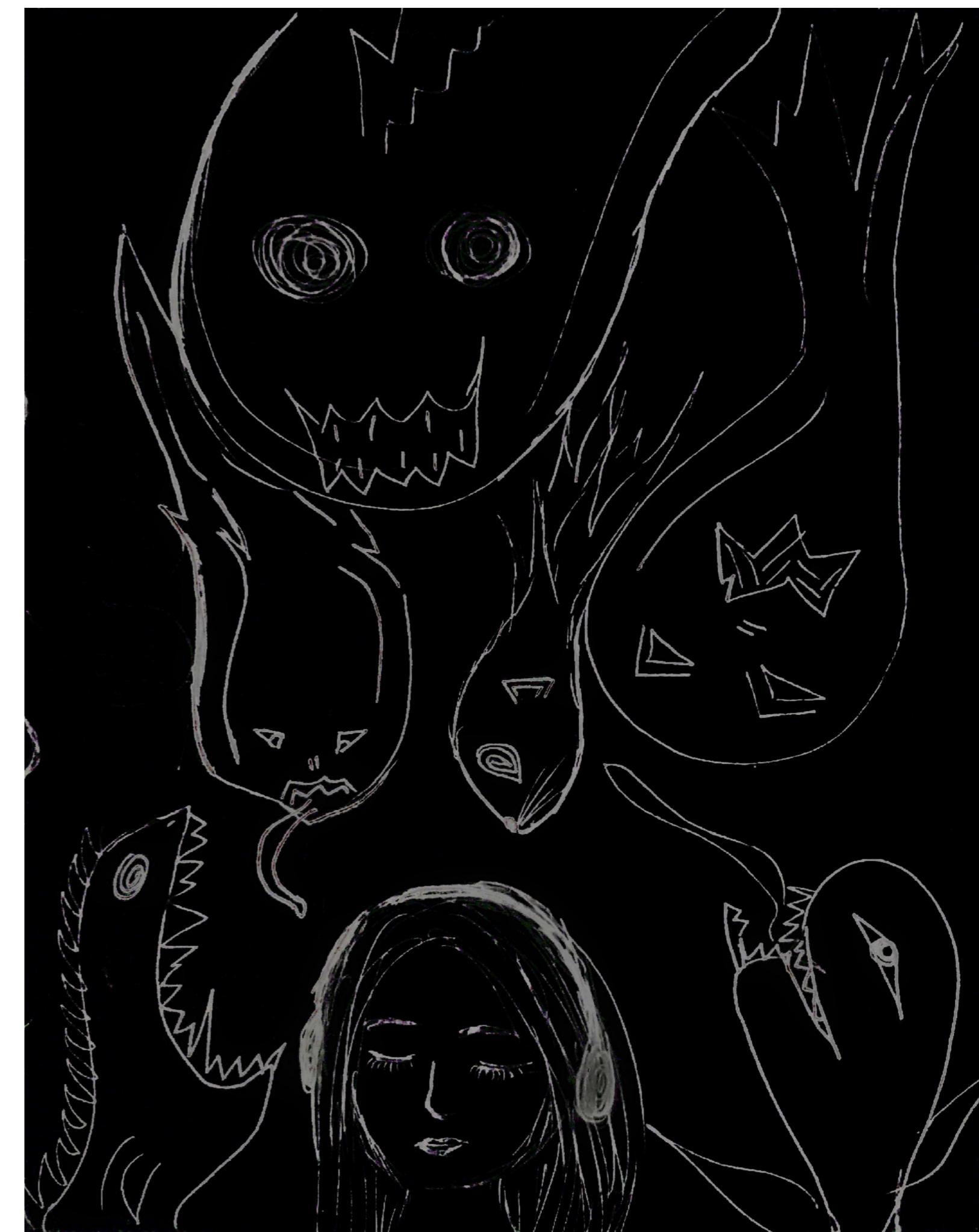
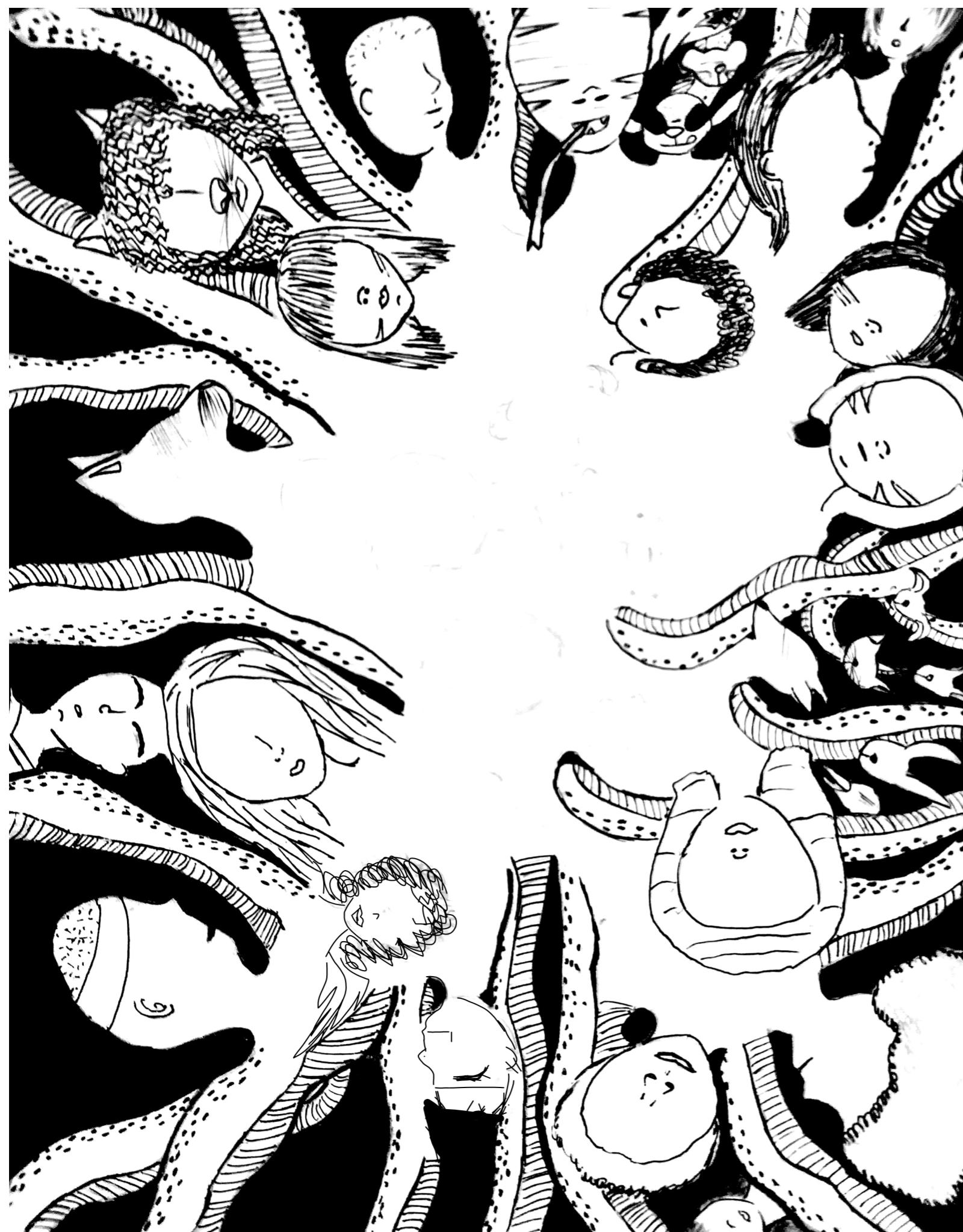
Não sei se percebeu que o evitava, mas em 70 a paranóia começou a tomar conta dele, me trancava em casa sempre que acordava, só podia sair acompanhada por ele e ainda para o estúdio. Suas investidas sexuais ficaram cada vez mais claras e continuava a expressar desejos de estabelecer uma família feliz, completamente ignorando a criança que já perambulava pela casa, cada vez mais silenciosa e melancólica.

Na Véspera de Natal de 71 a casa estava cada vez mais escura, ele dizia que a luz machucava seus olhos, os móveis derrubados por causa dos constantes esbarroões que Phil dava

em sua embriaguez fazia parecer uma cena do crime. Eu olhei pela janela e ele havia colocado arame formado nos muros de nossa casa, aquilo parecia uma masmorra. Andei pelos corredores escuros e finalmente encontrei ele, com "nossa" filho, que chorava pela lareira junto a duas outras silhuetas humanas. Conforme me aproximei, pude ver porque a criança chorava, as outras duas silhuetas eram crianças que nenhum de nós tinha visto antes. Entrei em choque, achei que tínhamos sido invadidos, mas... como? Não era possível um ser humano sair ou entrar naquela casa sem que Phil soubesse, foi então que eu vi os laços de presentes em suas cabeças. Senti Phil se aproximando por trás de mim e sua voz bêbada dizendo "Gostou?".

Eu corri chorando para fora, gritei e gritei, quebrei o portão em minha fuga e nunca mais voltei. Não mudei meu nome, não porque achei que poderia conseguir algo com isso, a influência dele mesmo em seus piores anos era capaz de fazer com que eu não conseguisse nunca mais pisar em um auditório, mas ele saberia que a única pessoa que conseguiu fugir de Phil Spector ainda seria lembrada, nem que fosse em um artigo de Wikipedia. Só Deus sabe o que aconteceu com aquelas crianças, acho que agora que ele foi pego por assassinato talvez elas tenham coragem de abrir a boca, talvez não, Phil fazia isso com as pessoas, mesmo depois de tudo eu ainda lembro dele quando canto.





ALEGRIA

Lembranças

JOÃO LARA

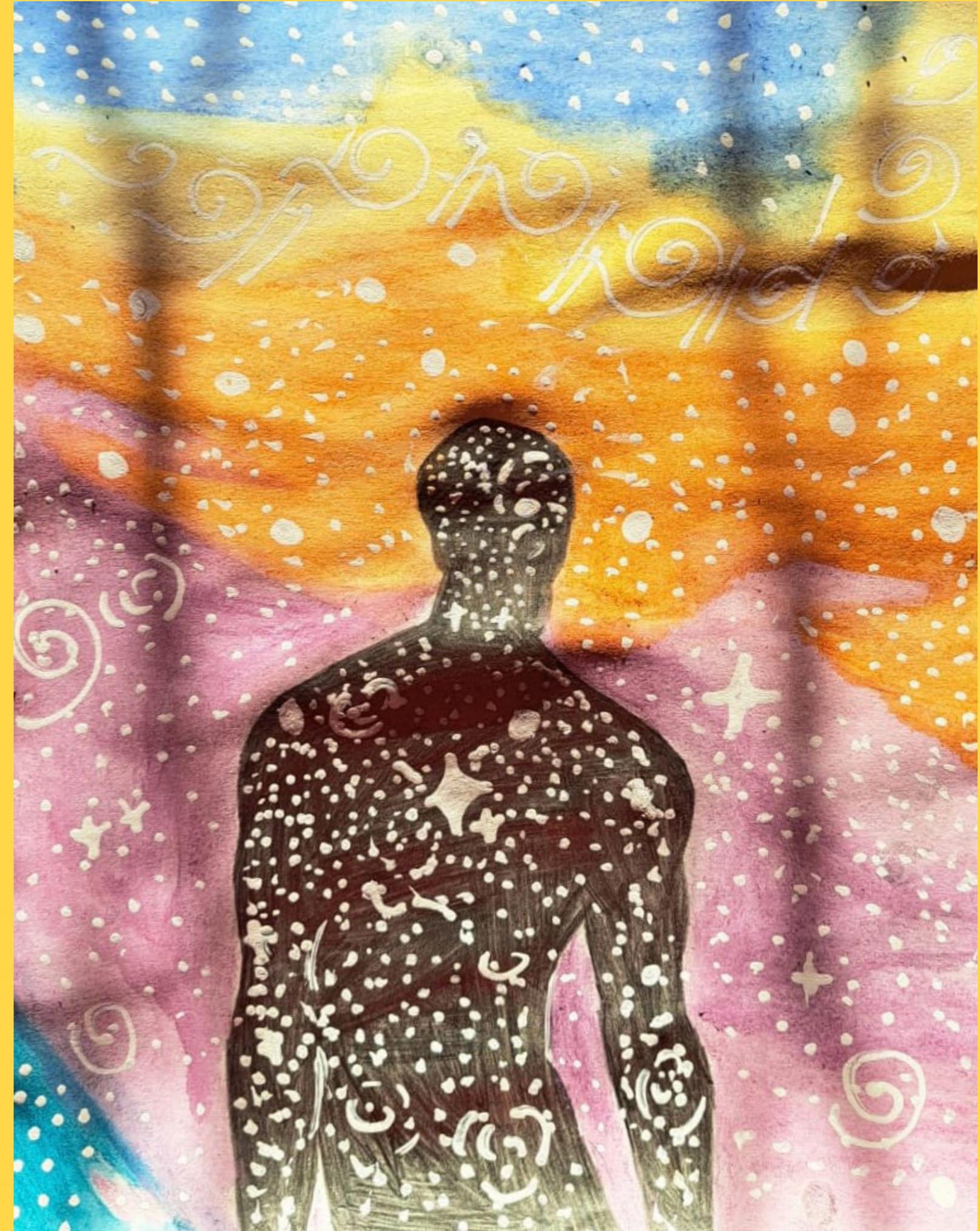
A luz daquela noite
cintilava um tom azul anil.
Na cor daquela chuva
a luz da tua rua palpitava.
Inquieta, um brilho amarelado
piscava a lâmpada.
Nas batidas do meu coração,
embora por tão perto
só pudesse ouvir a teu.



A soma dos nossos amores

MICHELINE ROSMANN

Dentre as imperfeições de nossa
perfeição,
eu me encontrei.
Nós não nos completamos,
pois não somos metades.
Nós nos somamos!
E, nessa soma ...
o nosso amor é o mais perfeito com as
suas imperfeições.



O SEGREDO DA CHUVA

MICHELINE ROSMANN

Oh, o encanto da chuva.
Oh, a chuva possui tantas
formas de beleza.
Oh, a chuva!
A chuva que cai.
A chuva que molha as
fadas no jardim.
A chuva que faz a semente
do girassol florescer
A chuva que molha a
árvore.
A chuva que molha os
cachorros na rua.
A chuva que alimenta o
oceano.
A chuva que consegue
fazer a beleza da natureza
transcender.
A chuva que é gotas de
esperança.
A chuva que é gotas de
amor.
A chuva que é gotas de
alegria.
Oh, a chuva!
O que é a chuva se não o
segredo da vida?



madul

IMAGINADO A TERRA NATIVA

GILMAR FERREIRA-VERLINDEN

Eu, às vezes, contemplando a beleza das nossas florestas, ponho-me a pensar em como ficaram maravilhados e estupefatos os desbravadores destas terras alguns séculos atrás.

Tento me imaginar no lugar deles, entrando em contato pela primeira vez com toda a exuberância e beleza natural das matas de araucárias paranaenses.

Se vindos da Europa ou de São Vicente, sejam bandeirantes, exploradores, minerdores ou observadores oficiais da Coroa que por aqui ingressaram através dos nossos rios, florestas e campos. Tanto brasileiros quanto portugueses e espanhóis, todos certamente foram unânimes em um só sentimento

de surpresa e encantamento com respeito à paisagem contemplada.

Eles, como que visitando outro mundo bem diferente daquele ao qual conheciam, vislumbraram uma das mais estranhas e belas paisagens já vistas.

Mas, não sendo eles efetivamente os primeiros seres humanos a andarem por estas terras. Tento imaginar, então, qual o seu significado para os nativos, os povos indígenas que se camuflavam na natureza selvagem, tendo em sua pele o cheiro da mata nativa.

Então minha imaginação se tornou tão difícil que acabou retornando à realidade presente.

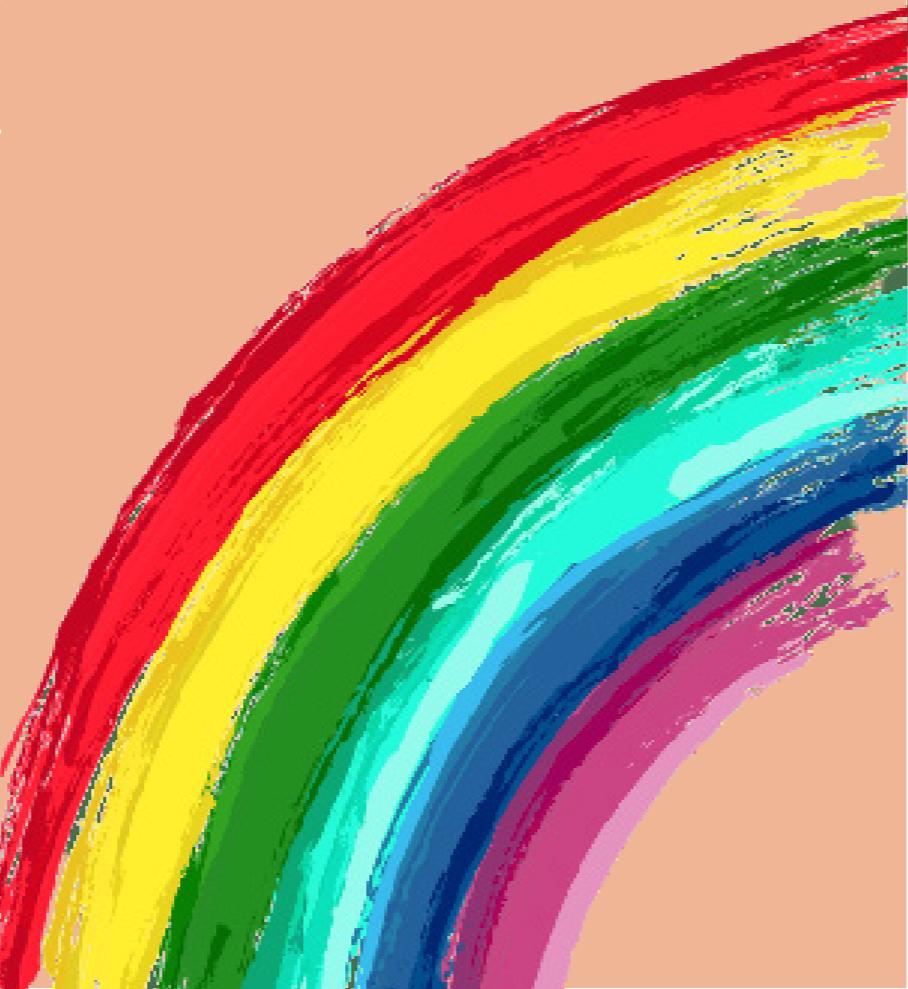
Arco-íris

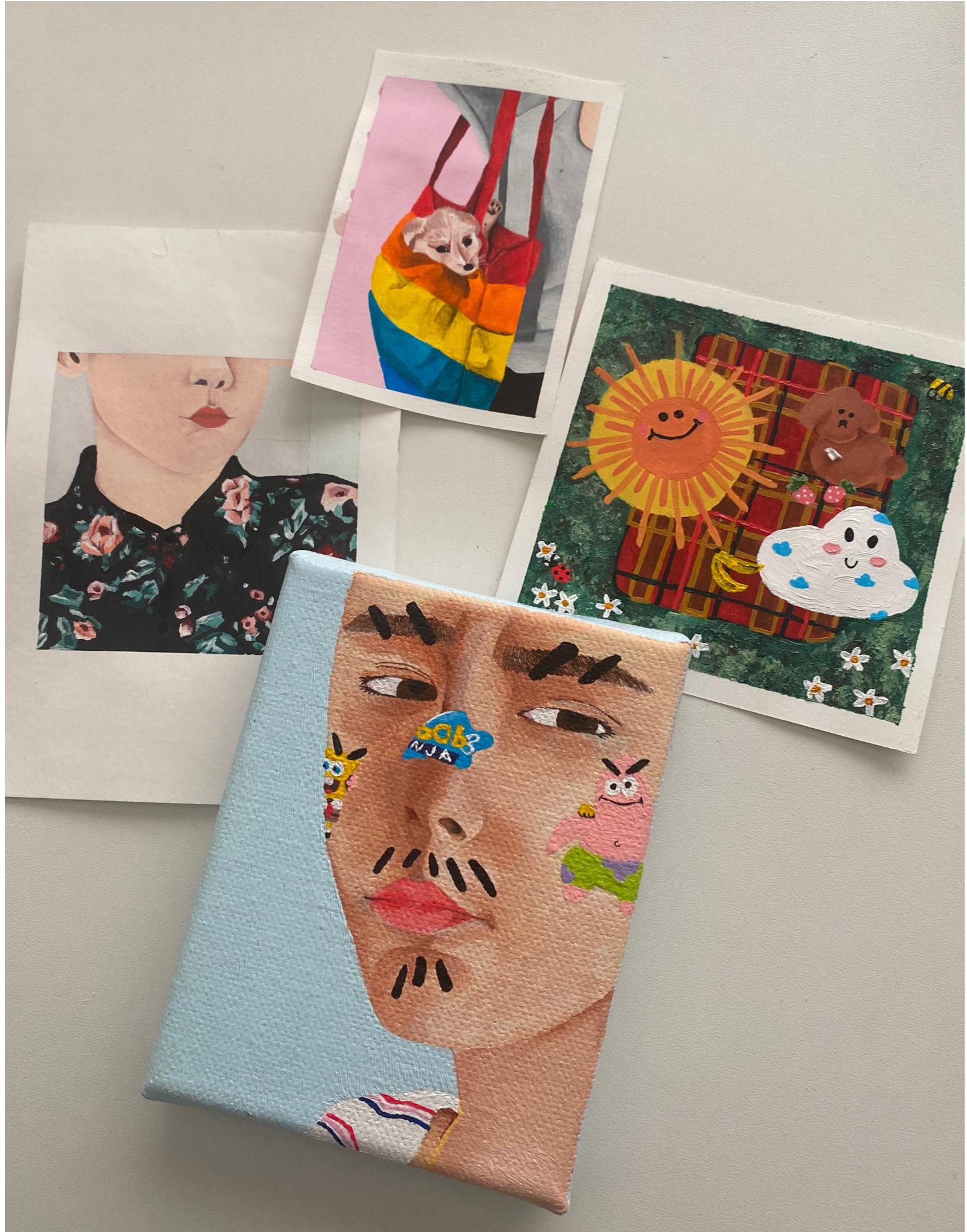
MARIA EDUARDA KRESSAN

Talvez pra alguém que sempre quis ir pras artes visuais, minha vida sempre foi meio sem cor.

Eu sempre fui um pouco triste e expressava isso com desenhos sem colorir e com umas coisas bem pesadas.

Não sei o que mudou, talvez eu tenha amadurecido, talvez as coisas tenha melhorado, talvez valha a pena tomar chuva para ver o Arco-Íris.





36



37

TRISTEZA

Dentro do ônibus

MARIA EDUARDA KRESSAN

A única coisa que eu talvez sinta falta da Bahia (além de meus pais) é de poder passar o dia sem tremer. O frio deles no máximo me fazia pegar uma cobertinha a noite. Agora o único lugar que eu sinto calor de manhã é na primeira competição de tetris humana chamado Araucária - Capão Raso. Em Curitiba não existe felicidade e nem frio num ônibus lotado.



A solidão sob o chapéu preto

MICHELINE ROSMANN

Eu uso um grande chapéu preto entre mil pessoas.

Olho em todas as direções e só vejo pessoas.

Pessoas andando rápido.

Pessoas andando devagar.

Pessoas em telefones celulares.

Pessoas comendo.

Pessoas conversando.

Pessoas em silêncio.

Não importa quantas pessoas estão ao meu redor.

Só sinto solidão.

Ninguém pode me ver com meu grande chapéu preto.

Talvez eu não exista, talvez ninguém exista.



Liberdade Angustiante

JULIA DE MIRA AMORIM

*Escuta os estragos feitos em meu coração ao longe
Nessa noite calma
Móveis estalando
Os ossos rangendo sob o piso de madeira
Os pés lado a lado até o quarto
Nesse silêncio ardido
Aquele que você sente o nó na garganta se formando
Gritei dizendo que o amor é livre
E minhas verdades me comeram viva
Porque você não está comigo
Beija o doce mel de outras bocas bem diferentes da minha
Toca curvas percorrendo um caminho sem saída
Sendo engolido por paixões ardentes de momento
E amanhã
Você irá me dizer que me ama
Porque você não é meu
E o amor é livre*



O Rio Esquecido

GILMAR FERREIRA - VERLINDEN

Numa distante outrora, em algum lugar da Terra primitiva, torrentes provinham dos mananciais das águas subterrâneas e inundavam uma planície. Formando um pântano cujas águas transbordavam e corriam por um imenso vale até um desfiladeiro onde despencavam em uma portentosa e colossal cachoeira. E ao seguir um curso turbulento, em corredeiras caudalosas, grandes rochas em seu leito criavam magníficos turbilhões.

Mas pouco a pouco se iam transformando em águas mais tranquilas. E milhas e milhas mais além, descreviam um leito sinuoso que serpenteava serenamente até desembocar e se perder num mar azul sem fim.

Assim foi, num passado muito distante, o rio que não mais existe e do qual restaram apenas parcos vestígios em um leito seco e sem vida, em boa parte coberto pelas camadas geológicas. Testemunhando o esplendor, a energia e a vitalidade que o grande



curso d'água representou em tempos remotos, mas que desapareceu muito antes que chegasse a aurora da espécie humana.

O rio que secou já foi outrora magnífico. No entanto, sua magnificência nunca foi, por nós contemplada. Ele, assim como tantos outros grandes rios dos tempos primitivos e agora extintos, marcaram um passado geológico vivo e dinâmico. E do rio que secou, que por longas eras carregou toneladas e toneladas de sedimentos para o oceano, só restam os seixos que no seu caminho ele deixou.

Sobre Términos

João Marcos Dias Finatti

Vitrais endereçados,
Coisas caras,
Mortos sem túmulos,
Linhas Pífias,
Será que o pecado é ceder um
desejo?

Um instante, talvez,
Será que ainda faz parte de
mim?

Será que eu faço parte de você?
Qual foi a última vez que se
sentiu profundamente igual
Moria?
Não sei...



Avenida

JOÃO LARA

De que tão molhada
fica sempre
essa rua, meu bem?
É da minha saudade,
saudade que alaga
essa rua.
Feito chuva de verão,
pancada que deságua o
céu abaixo dessa solidão.

Nayara Hell

João Marcos Dias Finatti

Viver não faz sentido.
minhas lágrimas são torrenciais e copiosas,
caíram caudalosamente,
E pensar em todas as lágrimas que você
guardou.
Ou que ainda guarda, ou finge que não guarda,
Tudo fica subentendido, dentro de caixas,
paradigmas, exames escolares,
Se escondeu demais, aparece demais, mas não
cegou demais,
A lâmina cega, é o seu alter ego, não corta, mas
amedronta,
Deus como tenho medo.
Rouba-se os traços
e os tragos cansados,
intimamente se fez em pedaços,
Me colocou sobre disparates, em uma história
que eu não estou.
Em uma noite em que você e eu não nos
enxergamos.
Dualidade entre o sentir-se bem e o querer se
desaguar em um mar de lamentações e
disfasia.
Bifásico, sou o seu segredo mal contado.



O HÓSPED

O hóspede que chega
sem rodeios se aconchega
Reforma o quarto de visitas
Substituindo as tralhas antigas
Com o tempo, torna-se da família
então vai trazendo mais mobília
A casa é reformada
e ele ali faz morada
Certo dia, decide se mudar
abandonando nosso lar
Deixar tudo pra pra trás
como pra quem tanto faz



Leva tudo que lhe pertence
enquanto peço que repense
Passou a ser parte de mim
como podes partir assim?
Tornou-se parte do meu coração
mas agora estás a me deixar sem chão
Meu coração, agora incompleto
chora desinquieto
enquanto penso sem cessar
Por que fui me deixar cativar?





O Vizinho

FLAVIA KERETCH

O vizinho da vizinha tem um segredo. Todo dia, às dez da noite chega em casa com os olhos vermelhos. Ele sorri e acena. Sua família não percebe, o garoto está drogado, mas quem se importa? Ele é só um pobre coitado. A vizinha o observa da janela, seus quartos são de frente um para o outro. Mas ele não a vê, não a enxerga. Está ocupado com os olhos grudados nas estrelas do teto. E no teto escuro existe um mundo insano, um mundo profano, em que não se consegue sair. Ele está derretendo, ouvindo músicas para se distrair. Não consegue dormir. Então ele fuma um. Fuma dois. Fuma três. E quatro. Sente os ossos do corpo racharem a cada tragada, ele está virando um espantalho. O vizinho da vizinha tem um segredo, todo dia quando chega da escola, ele se esconde dos espelhos. Veste roupas largas, para não perceberem seu corpo-esqueleto. O garoto

não possui amigos, nem inimigos, nem colegas, nem conhecidos, pois ninguém o vê. Só a vizinha, que continua olhando através da cortina, morta de curiosidade. Ele encontra os olhos dela, e consegue ouvir, os pássaros cantando, o seu coração batendo, se sente vivo, sente o mundo eclodir. Ele sorri para ela, e pela primeira vez na semana, o garoto expressa uma reação, de forma monossilábica eles trocam palavras então ele deita para dormir. Mas não dorme. Então pega a lâmina fina da janela e corta um. Corta dois. Corta três. E quatro. Na semana seguinte ele falta todas as aulas, fica em casa, no quarto, conversando com a garota. Sua família não percebe, ninguém na escola liga. Ele é como um fantasma. Em que a única que parece perceber sua existência é a menina. De olhos castanhos e pele pálida. Eles conversam. Eles riem. Cada um em sua jane-



NoJo

A essência em Café

MICHELINE ROSMANN

Café!
Você gosta de café?

Ela gosta de café?

Ele gosta de café?

Quem não gosta de café?

Eu conheço algumas pessoas que não gostam de café,

Isto é muito estranho, certo?
Seriam eles alienígenas????
Existem extraterrestres??!

Talvez!

No entanto, talvez seja bom que nem todo mundo goste de café (não eu!)

Todo mundo é diferente.

Suponho que sim.

E...

O que seria do chá se todos preferirem o café?

Algumas pessoas precisam escolher o chá, para que o chá não saia sem que ninguém o beba.

No entanto, não consigo vivêr sem o meu café.

Café!

Coffee...

Apenas café!

Preto.

Sem açúcar.

Sem leite!

Por favor, apenas café.

Eu escuto algumas pessoas falandoo que gostam de café ... mas ... eles adicionam AÇÚCAR, LEITE e MAISSS AÇÚCAR!

Sorry! Oh, não, desculpe!

Esta pessoa não pode dizer: "Eu gosto de café"

Se você adicionar qualquer coisa em seu café, então não gosta realmente do sabor do café.





UM ANIVERSÁRIO

MICHELINE ROSMANN

Este ano sem festa de aniversário
Este ano eu decidi: sem festa
Este ano sem bolo
Este ano sem velas
Este ano sem balões
Este ano sem decorações
Este ano não sem Feliz Aniversário
Este ano sem amigos
Qualquer amigo...
ou um amigo especial...
sem amigos
Um ano diferente
Uma visão diferente do mundo
Uma visão diferente de mim mesmo
Uma motivação diferente para viver



BAÚ DE PÓLVORA

FLAVIA KERETCH

Era meia-noite, a penumbra não deixava
ninguém enxergar,
Talvez por causa da fumaça das indústrias,
do petróleo e do gás,
Era difícil inalar,
Só o que se escutava era o barulho da cor-
rente do rio,
Fluindo devagar,
O mar estava da cor do sangue de inocen-
tes,
Eles já não conseguiam respirar,
Embaixo d' água,
Cadáveres e lixo,
Não tinham mais onde morar,
A umidade escorria pelas paredes,
Como lágrimas de crianças,
Crianças sem lar,
Ao longe havia fogo se espalhando,
Chamas queimando, faíscas voando,
Tudo se desfazendo,
Virando pó,
Desaparecendo,

Então surgiram gritos,
Desesperados e famintos,
Estão a queimando viva,
Está corroendo sua carne,
Sua pele, sua casca,
Estão a queimando viva,
Ela está morrendo, está pedindo por ajuda,
As raízes falecendo,
Os animais fugindo, correndo,
Vermes começam a corroer sua beleza e
fortaleza
Ela nunca mais será a mesma,
Ninguém apaga o fogo,
Todos acendem um fósforo,
“Vamos queimar essa vadia”
Tragam o álcool, tragam bebidas,
“Faremos um brinde, quando acabar tere-
mos essa mina”
É um barril de pólvora pegando fogo,
Matando ela, matando todos,
Cedo ou tarde,
Matará todos.

